

## CORDA BAMBA: UMA LITERATURA REPARADORA

Kerolen Mickelen Vilaça da Silva<sup>1</sup>

João Carlos Biella<sup>2</sup>

### RESUMO

No presente artigo, pretendemos discutir, a partir do livro *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga, a potência da gratuidade da leitura de literatura infanto-juvenil para assuntos de natureza fraturante. Na obra em questão, uma menina de dez anos, Maria, lida com o luto trágico pela morte dos pais. O imaginário e a fantasia configuram-se como possibilidades de equilíbrio e salvação.

**Palavras-chave:** Corda Bamba; Lygia Bojunga; Literatura infantojuvenil;

### 1. INTRODUÇÃO

Neste estudo, selecionamos a obra *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga, fazendo uma conexão com os estudos dos autores Antonio Candido (2004), Andruetto (2013), Todorov (2009), Roland Barthes(2000), Graça Ramos (2017), entre outros, para observar uma possibilidade reparadora da leitura literária.

Em *Corda Bamba*, há a história de Maria, uma menina de dez anos, que presenciou a morte dos pais equilibristas, no circo. Após a fatalidade, a guarda de Maria passou aos amigos que também trabalhavam no circo, a Mulher Barbuda e o Foguinho. Passado algum tempo, a menina é levada para casa da avó, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo, uma mulher rica e dominadora, que, devido ao seu jeito, causa um certo incômodo a Maria. Esse jeito autoritário é evidenciado,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Português - Universidade Federal de Uberlândia

<sup>2</sup> Prof. Dr. da Universidade Federal de Uberlândia

entre outras coisas, pela forma como o nome de Dona Maria Cecília Mendonça de Melo é apresentado ao longo do livro; geralmente, ou se usa o nome completo, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo, forma mais frequente, ou Dona Maria Cecília.

No início da narrativa, Maria recebe de presente de Pedro, companheiro de Dona Maria Cecília, uma corda de náilon e ela demonstra sua habilidade andando na corda bamba durante o aniversário de Quico, neto de Pedro, que mora no interior. Foi a primeira vez, depois do acidente com os pais, que Maria consegue interagir com outras crianças e até fazer uma brincadeira. Essa mesma corda, mais tarde, vai ser usada por Maria, em seus sonhos, para atravessar de sua janela para o prédio vizinho e explorar as janelas e portas do edifício que ainda estava inacabado. Neste momento da narrativa, o leitor vai sendo conduzido a acompanhar a reconstrução da infância de Maria, gerando uma confluência entre o que é real e o que é imaginário.

A partir dessa obra, buscaremos discutir sobre como a literatura infantojuvenil pode ser lida e apreciada por todos os leitores independente da faixa etária, já que, assim como qualquer obra literária, ela também pode proporcionar descobertas, aventuras e, no caso do nosso estudo, uma reparação diante das angústias humanas. Além disso, trataremos a respeito da gratuidade e utilidade nos textos. Será que, para eles serem desenvolvidos, considera-se alguma função?

E, por último, mas não menos importante, como a morte, a imaginação, a reparação e a representação literária são abordadas no nosso objeto de estudo? Além disso, tentaremos responder, neste último tópico, alguns outros questionamentos, entre os quais, estão: i) Como Maria lida com a morte?; ii) O fato de Maria ser uma criança licenciosa se dá pelo trauma causado pela morte dos pais?; iii) O que o silêncio pode significar na vida de Maria?; iv) como o espaço circense colabora para que Maria supere o trauma da perda dos pais?

## 2. Literatura infantojuvenil é para todos

Quando se lida com literatura, um dos aspectos mais importantes a ser considerado, principalmente no que tange ao estudo literário, refere-se a qual público o livro é destinado. Existem algumas classificações adotadas, que colaboram para essa identificação, porém isso pode gerar alguns efeitos que impactam na escolha e na leitura dos livros pelo público.

Meu contato mais íntimo com o objetivo livro se inicia pela ficha catalográfica, que é uma exigência legal. Ao final de uma leitura, costumo regressar à informação original para conferi-la. Gosto de pensar qual o público preferencial a que se destina o lido: se infantil, juvenil ou, palavra mágica, infantojuvenil. Esta última classificação, que é a justaposição das duas faixas, tem sido usada de maneira tão exaustiva, me levando a crer, ironicamente, que os segmentos infantil e juvenil, em separado, no Brasil, estão em vias de extinção. Ou será que a infância, puberdade, adolescência e juventude estão se tornando uma só faixa etária? (RAMOS, 2017, p. 36)

Assim como Ramos (2017), diversos leitores e pais de leitores têm o primeiro contato com o livro por meio da ficha catalográfica, onde consta, muitas vezes, qual o público preferencial do livro. Assim, mesmo sem ter lido o conteúdo da obra, o leitor pode optar por não realizar efetivamente a leitura, devido ao fato de que, na ficha, a classificação não condizer com a faixa etária do leitor. Neste caso, perde-se, talvez, a oportunidade de se conhecer uma história potente que, independente da faixa etária a qual ela se destina, agrega valor e conhecimento àqueles que a apreciam. Diante disso, afirmamos que uma obra literária é muito maior do que apenas uma classificação, e que seu valor se dá muito mais pela elaboração artística que carrega do que por qualquer outro critério.

Entretanto, mesmo diante de problemáticas como a apresentada, as classificações existem, e o objeto de estudo deste trabalho, *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga, enquadra-se na literatura infanto-juvenil, cuja temática aborda questões que precisam ser compreendidas com devido cuidado.

Lygia se destaca na literatura infanto-juvenil por tratar de temas bem específicos - estupro, problemas educacionais, desigualdades sociais etc. - que tendem a problematizar e a instigar os leitores a pensarem sobre determinados

assuntos que, de certo modo, são recorrentes na sociedade. Seus livros são, ainda, uma grande fonte de imaginação e sensibilidade que prendem o leitor e o faz, por sua atualidade e elaboração, não querer parar de ler. Nos seus livros, ela aborda questões que os adultos escondem, muitas vezes, para a conversa com as crianças, justamente por serem temáticas que, por razões diversas, fogem do que geralmente é considerado da esfera do público infantojuvenil. Porém, para que se possa formar leitores efetivamente capazes de ler e interpretar um texto é preciso que eles tenham contato e mediação com diversos textos possíveis, pois

Leitores são pessoas que sabem diferenciar uma obra literária de um texto informativo; pessoas que lêem jornais mas também lêem poesia; gente, enfim, que sabe utilizar textos em benefício próprio, seja para receber informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro e simples entretenimento. (PAIVA, MARTINS, PAULINO e VERSIANI, 2003, pag. 2)

Desse modo, ler Corda *Bamba*, independente da faixa etária, é um convite sedutor para se formar um leitor literário, pois há nele reflexões para uma formação estética sobre textos em que a elaboração artística dá possibilidades de sentidos para como a forma como uma criança lida com a morte dos pais, a importância da família para o desenvolvimento de uma criança, etc., serem mais tocantes e sensíveis que os textos informativos e científicos. O qualificativo infantojuvenil é apenas uma informação sobre o endereçamento da obra literária e não uma categoria estética.

### **3. Gratuidade e utilidade nos textos**

Todo texto teórico tem como objetivo apresentar alguma informação a fim de explicitar e explicar aspectos a respeito do objeto que está sendo estudado. Essa característica faz com que a escrita do texto seja pré-determinada, ou seja, há um ponto em que se deseja alcançar a fim de que o texto possa adquirir o seu devido valor. Os textos científicos têm como uma de suas funções, expor o resultado das pesquisas, sendo assim, é preciso que haja algo anterior à escrita que faça com que ela exista, neste caso, todo processo metodológico de pesquisa e coleta de dados.

O texto, sendo pré-determinado, torna a interpretação do conteúdo estática, ou seja, não se pode extrapolar aquilo que está escrito e, em tese, existe apenas uma interpretação que foi imposta por meio da pesquisa que foi feita. Assim, o texto teórico apresenta, como uma de suas características, a função denotativa, que é aquela que busca evitar possíveis ambiguidades na escrita. Nela não se faz uso, recorrente, de figuras de linguagem como a metáfora, o eufemismo, a hipérbole entre outras, visto que podem fazer com que haja mais de uma interpretação.

A literatura, por sua vez, é um produto livre. A sua criação não depende, necessariamente, de pesquisas previamente realizadas, pois, ao escrever, o autor coloca toda sua criatividade em ação. Ele escreve porque as ideias surgem e vão sendo materializadas no papel em forma de palavras sem saber quando o texto será finalizado, pois não há um objetivo a ser alcançado. No artigo “Formação de leitores e razões para a Literatura”, Ricardo Azevedo deixa clara a presença do discurso poético no campo literário, diferenciando assim os textos literários e científicos:

Em primeiro lugar, falar em Literatura significa remeter obrigatoriamente à ficção e ao discurso poético. Por meio do discurso poético, abrimos mão da linguagem objetiva, lógica, sistemática, impessoal, coerente e unívoca dos livros didáticos informativos. (AZEVEDO, 2004, p. 39)

Mesmo quando o escritor deseja criar uma obra literária com um tema em específico, não há como se desvencilhar do ato natural de criação de literatura que torna o texto dinâmico, e isso acaba causando incerteza. O autor poderia ter

pensado, inicialmente, em uma obra curta, entretanto, no decorrer da criação, as ideias são tantas que as páginas podem parecer não ter fim. Sobre essas questões a autora Maria Teresa Andruetto, no seu livro *Por uma Literatura sem Adjetivo*, (2013), afirma:

“A literatura não tem intenção, pois o ato de escrever é incerto: De modo, então, que, para escrever, é preciso ter grande disponibilidade para a incerteza e para o questionamento dos próprios atributos e condições.” (ANDRUETTO, 2013, p.42)

Andruetto nos apresenta, com grande clareza, que a literatura não é algo pré-determinado, ela se alimenta da imaginação do autor e das suas experiências de mundo para ser elaborada. Ela é incerta porque a cada nova linha escrita vão surgindo questões do próprio autor, e essas, muitas vezes, não são respondidas, mas são postas no texto a fim de causar reflexão no leitor.

As possíveis respostas para esses questionamentos serão variadas, visto que cada leitor terá uma visão própria ao ler a obra. Assim como o autor, aquele que ler traz consigo uma carga de experiências que o torna um indivíduo diferente de todos os outros, fazendo com que a leitura do texto também seja diferente. Andruetto explicita, ainda, que a literatura, por ser essa fonte de questionamentos, liberta o leitor a fim de expandir o seu entendimento: “Nada há de mais libertário e revulsivo que a possibilidade que o homem tem de duvidar, de se questionar.” (ANDRUETTO, 2013, p.64)

A partir do momento em que o indivíduo começa a se questionar sobre questões próprias instigadas por um texto literário, percebemos que não existe uma função específica para esse texto. Não é possível controlar o efeito que essa leitura surtirá sobre cada leitor, pois como afirma Andruetto: “Descobrir que a literatura não é necessariamente o lugar onde encontrar o igual, às vezes é a única janela para se debruçar sobre o diferente.” (ANDRUETTO, 2013, p.64). O diferente é o que faz a literatura ser literatura. As imagens extraídas de cada frase serão únicas para cada leitor e, assim, as questões vão, aos poucos, sendo respondidas, e o diferente vai encontrando seu espaço. Paulo Freire, em *A importância do Ato de Ler*, coloca de forma bem interessante essa relação da interpretação de um texto sob o aspecto da realidade em que o indivíduo leitor

está inserido. Ele diz: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. ” (FREIRE, 1989). Estabelecer uma experiência de contato com o mundo é o primeiro passo para compreender e extrair de um livro todas as possibilidades que podem ser identificadas a partir dele. Não é um processo fácil, pois exige a cada etapa um amadurecimento, que vai sendo adquirido por meio das páginas lidas.

Andruetto afirma, ainda:

Um bom livro “serve menos” que um livro comum, produzido *ad hoc*, produto de um escritor “profissional”, escritor de “ofício”. Um bom livro, no geral, tem um campo de leitores menor que um livro funcional em relação a certas tendências ou exigências do mercado, simplesmente porque os bons livros não respondem a um gosto global, *não agradam a todos*, assim é literatura. (ANDRUETTO, 2013, p. 65 - 66)

O fato de um livro não agradar a todos é mais um indicador para compreendermos o quanto a literatura é uma arte que é produzida de forma livre, e que seu entendimento será pautado de modo muito subjetivo. Cada leitor está imerso numa realidade diferente dos outros fazendo com que os significados extraídos de um livro sejam únicos para cada um. Isso é muito interessante, visto que se consegue perceber a força que a linguagem literária possui. Ela não é constituída apenas por códigos linguísticos; é uma rede de relações linguísticas, semânticas, psicológicas e, até mesmo, físicas, pois, muitas vezes, quando lemos sentimos diversas sensações: imaginamos o gosto de um beijo, sentimos o cheiro de uma rosa e diversos outros elementos sensoriais que nos introduzem para dentro do livro. Não se é possível controlar o que o leitor vai sentir ao ler, sendo assim, a literatura não possui função.

Pensando nessa problemática a respeito da gratuidade e utilitarismo para a literatura, encontra-se a autora da obra que é objeto de estudo neste trabalho: Lygia Bojunga. Como já foi dito, Lygia se destaca na literatura infantojuvenil por tratar de temas bem específicos - estupro, problemas educacionais, homoafetividade, suicídio, desigualdades sociais etc. - que tendem a

problematizar e a instigar os leitores a pensarem sobre determinados assuntos que, de certo modo, estão presentes na sociedade.

#### 4. A morte, a imaginação, a reparação e a representação literária

Diante de todas as possibilidades que a literatura pode oferecer a cada indivíduo que se dispõe ou é impulsionado a apreciá-la, identificamos, assim como (BARTHES, 2000), que ela “é essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo quanto a mim: literatura”. Uma trapaça capaz de revolucionar e reparar os leitores, por meio da representação literária e da imaginação.

Nesse sentido, *Corda Bamba* representa, de certo modo, um exemplo da força literária que, por meio da personagem Maria, que lida com a morte diretamente, permite com que os leitores se identifiquem com a sua trajetória e, a partir dela, construam a sua própria. Isso se dá por meio da identificação e aproximação entre aquilo que nos torna humanos. Em relação a esse poder da literatura, Todorov (2009), em *A literatura em perigo*, afirma:

Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados com a alma; porém, revelação de mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro(2009,p.76.)

Na obra em questão, a morte é presença incontestável. Maria, ao presenciar a morte dos pais, passa por diferentes fases, que ela própria não compreende e que, talvez, nem conseguimos classificar como luto. A primeira delas foi a sonolência, seguida de um silêncio profundo:

Dona Maria Cecília ficou andando pelo quarto, alisando o penteado com a ponta do dedo. Lá pelas tantas Barbuda falou:  
- Amanhã faz um mês.  
-É  
- E esse tempo todo a Maria ficou assim: calada só pensando  
- Pensando no que aconteceu?



-Não sei, ela não diz, não fala. A senhora sabe que ela nunca falou no assunto?  
-Nunca?  
- Nunca..  
- Mas ela viu?  
- Viu. E depois desatou a dormir. Dormiu um dia, uma noite, outro dia, outra noite. A senhora não tá acreditando, mas eu dou a minha palavra de honra que é verdade. A gente já tava numa aflição danada achando não querer que ela era capaz de habituar e não querer acordar nunca mais. A senhora sabe, não é? a gente gosta um bocado da Maria, viu ela nascendo e tudo, ela é assim meio filha da gente também, ia ser horrível se ela cisma de dormir pra sempre.(BOJUNGA, 2016, p.24)

Essa sonolência e profundo silêncio foi a maneira inicial que Maria encontrou para lidar com a morte dos pais, o que demonstra, de certo modo, uma incompreensão do que de fato aconteceu, já que, comumente, o luto se dá de diferentes formas, como o choro e o sofrimento verbalizado. Percebemos, então, que a impossibilidade de luto por Maria a faz apartada de uma subjetividade. A vivência cotidiana torna-se mais cruel e perigosa do que o risco assumido de andar em corda bamba. A mudança para a vida dá-se justamente pela aproximação com os limites do existencial, com a estreiteza de uma vida solitária, sem horizontes. Por isso, andar sob uma corda, independente da altura, não causa medo a Maria, pois lidar com a realidade da morte dos pais é bem mais doloroso.

"Onde é que você tá amarrando a corda, Maria?", Quico perguntou. Mas só perguntou pensado: quando abriu a boca pra falar, a voz não saiu. Chamou bem alto: "Maria! Maria!" Mas a voz não saía. Ficou com medo: "Maria!" (A voz não saía porque ele estava com medo, ou porque a gente sonhando a voz não sai?) Quis se levantar e ir na janela, mas parecia colado na cama, não podia se mexer. Viu Maria sentar na cadeira e tirar uma fita verde do bolso; o cabelo dela era comprido, ela amarrou ele bem, fazendo um rabo de cavalo.

"Maria!"

Bem de leve - do jeito que ela andava sempre - Maria foi no armário e pegou as sapatilhas. Azuis.

"Maria, não! Não, não." Quico abria e fechava a boca, mas quem diz que a voz saía? Viu Maria calçando as sapatilhas. Pegando o arco de flor. Pulando cadeira. Pulando pra beirada da janela. "Não, não, não vai, Maria! aqui não é que nem lá na sala, aqui é tão alto!" Maria esticando a perna. Maria experimentando a corda com o pé. Dentro do peito de Quico o coração bateu feito louco: "Maria, não vai, embaixo é tão longe, não tem mesa de doce pra você cair, vovô não tá aguentando a corda, nem tua avó tá aqui pra te cuidar; por favor, Maria, não vai."

Na sua solidão e com a incompreensão prévia do luto, Maria começa a se apossar da imaginação, misturando realidade e sonhos, revisitando um passado que talvez ela mesma não vivenciou fisicamente, mas por se tratar da vida e construção do amor dos pais, ela se sente parte e constrói para si uma narrativa própria que inicia um processo de reparação e cura na personagem. A mistura da realidade com o sonho é uma experiência comum que garante, muitas vezes, um equilíbrio entre aquilo que se vive realmente e aquilo que se deseja viver ou reviver. Segundo Antonio Candido(2004)

[...] não é possível haver equilíbrio sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente a das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. (CANDIDO, p. 175)

Maria, ao se colocar sob a corda bamba, apresenta muito equilíbrio e destreza, então usa este instrumento para tentar resgatar o equilíbrio em relação àquilo que sente diante da morte dos pais.

Nesse sentido, Lygia Bojunga se aventura pelas veredas da imaginação infanto-juvenil e arma sobre o jovem e respeitável público a lona de seu circo de surpresas e encantamento, apresentando-lhe esta *Corda Bamba*, através da qual Maria, filha de equilibristas, e ela mesma artista de circo, resolve viajar para dentro de si mesma. Viver na corda bamba - é como o imaginário popular define a existência de quem tem que enfrentar desafios diários para sobreviver. Assim Maria caminha em busca de seu próprio equilíbrio, abrindo as portas do passado e recompondo-se dos dramas que marcaram sua infância circense, como quando ela mistura realidade e sonho ao visitar a história de amor entre seus pais e seu próprio nascimento

Maria pulou pro andaime, se abaixou e pegou o arco. Parou. Fascinada. Mal podendo acreditar. O rapaz era igualzinho ao pai dela, só que mais moço. Usava um macacão sujo de tinta, boné e sapato de lona. Maria mal podia respirar de tão emocionada. Foi se ajoelhando ao lado do rapaz: queria ver de mais pertinho como ele era igual ao pai. E quando ia estendendo a mão pra

fazer uma festa nele, ouviu uma voz dizendo “Oi! Acorda!”, e só ouvir a voz, o coração deu um esbarrão no peito e ela toda se virou pra olhar. Tinha uma moça debruçada na janela, igualzinha a mãe dela, rindo pra ela!”(BOJUNGA, 2016, p.71 e 72)

A corda tem sido a chave para Maria chegar até a realidade dos sonhos e alcançar a sua reparação. Ao revisitar a história de seus pais se depara com a própria história

... e levantou num pulo porque ouviu o choro de um bebê também. Marcia e Marcelo estavam segurando a criança que tinha acabado de nascer. Maria espichou o pescoço, louca pra ver. Louca pra se ver. Quis gritar “Nasci!O bebê do barco sou eu!”, mas a emoção era tão grande que o grito não saiu.(BOJUNGA, 2016, p.94)

Assim, a leitura reparadora de Maria ocorre quando se entende o texto da separação, dando sentido à sua imaginação, “Maria estava impressionada: roubaram ela assim de tudo que ela queria: a mãe, o pai, o circo.”(BOJUNGA, 2016, p.102). Diante dessa realidade e da dolorosa cena da morte dos pais, aos poucos, vai se curando.

Vai ver susto é bom: todo mundo bate palma. Quanto mais Maria olha pra Márcia e Marcelo, mais vai esquecendo que queria ir embora; Márcia tem tanta graça! mesmo não fazendo nada difícil, a gente não quer deixar de olhar, imagina quando o pai estender o arco pra ela passar, pronto! estendeu. Ela se abaixa e passa. E passa de novo. E de novo, e passa de novo. Cada vez diferente. Cada vez mais depressa. Cada vez, que é isso!! o arco de cor se embaraça no amarelo; cai. Márcia falseia o pé, o corpo vira, o pai quer pegar um braço, um cabelo, um dela, mas tudo escapa, ela já vem vindo, ele se vira todo, já vem também, o tambor parou, ninguém diz ai, só tem silêncio, que depressa que gente cai!! Maria se vira, sacode a maçaneta, a porta não está mais trancada, ela sai. Correndo. Correndo. Pula pro andaime, pega o arco, vai embora. A garganta continua seca, o olho ardendo, que comprida que é a corda! parece que nem vai dar pra chegar no fim. Mas chega. Não se lembra de tirar sapatilha, nada, entra na cama, puxa o lençol, se tapa toda, cabeça, tudo, não quer ver mais, só quer dormir, quem sabe quando acordar, lembrar não vai mais doer tanto assim? (BOJUNGA, 2016, p.134 - 135)

Ao despertar da sonolência e de uma realidade de sonhos que, de certo modo, tornou-se, por um período, um escudo para que Maria pudesse suportar a dor da perda dos pais, ela encara o sofrimento de forma consciente e destemida e vai, aos poucos, se acostumando com ele.

-Tchau. Ei, Barbuda! Barbuda! Espera, esperal  
-O que foi, Maria, o que foi?  
-É que... escuta... é que... eu me lembrei de tudo, viu? De tudo. E agora... todo dia eu me lembro de novo um pouco. Pra ir acostumando, sabe?... Barbuda!.... Alô?... Alô?... Barbuda, você tá aí?... Alô!!  
- Tô aqui, meu bem.  
- Você ouviu o que eu falei?  
- Ah, bom. Tchau então. Boa viagem.  
- Tchau, Maria. Qualquer hora dessas a gente se encontra.  
E foi assim mesmo que Maria fez: de manhã cedinho saía de arco de flor pra passear. Desembarcava no andaime, pulava pro corredor comprido, às vezes abria uma porta só, às vezes duas ou três, variava o jeito de acostumar. (BOJUNGA, 2016, p.141)

Maria acostuma-se com a ideia da morte dos pais e, aos poucos, vai abrindo outras portas que estavam fechadas devido ao trauma. Com isso, percebemos um processo de reparação da personagem, que colabora para que o leitor também seja reparado.

Ao finalizar a leitura de *Corda Bamba*, o leitor é convidado a uma reflexão sobre aquilo que, de certo modo, o impede de sair da condição em que se encontra. Seja uma condição de luto, de impotência ou de insatisfação. Isso será possível desde que ele esteja disposto a encarar, mesmo com medo, o que o assusta e o que o paralisa, da mesma maneira com a qual Maria lidou com seu trauma. Nesse sentido, é que concluímos, efetivamente, que a literatura reverbera um poder reparador, uma força magnífica que é capaz de curar e de impulsionar aqueles que estão verdadeiramente dispostos a apreciá-la.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corda Bamba, de Lygia Bojunga, é um convite à reflexão. A personagem, Maria, lida com a morte de uma forma a qual encaramos como uma incompreensão do que de fato aconteceu, principalmente pelo fato de ela ser uma criança licenciosa. E esse silêncio significa, de certo modo, medo e receio de encarar a realidade como ela realmente é. E, só pelo espaço circense, é que Maria vai, aos poucos, superando o seu trauma, por meio da abertura de diversas portas, que colaboram para que ela pudesse revisitar o passado e compreender a sua própria história.

É por meio das transformações da personagem Maria que identificamos o poder reparador da literatura. Observar a história da personagem e, principalmente, analisar como ela lida com a toda a situação em que vive, é um convite para que o leitor revise a sua própria história e tente identificar aquilo que, de certo modo, o impede de abrir novas portas.

## **6. REFERÊNCIAS**

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. - 2ª reimpressão da 1ª edição de 1993 - São Paulo: Pulo do gato, 2013.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. 1. ed. Difusão Cultural do Livro: São Paulo, 2004. p. 37-47.

BARTHES, Roland. *Aula*. 8. Ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOJUNGA, Lygia. *Corda Bamba*. Rio de Janeiro: Casa Lygia BOjunga, 2016.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*:\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004. P. 169-191.

PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy ; PAULINO, Graça; VERSIANI, A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. *In*:\_\_\_\_(Orgs) *Literatura e Letramento – Espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro* . Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003, ISBN 85-7526-092-8.

Ramos Graça, 1960 - *Habitar a infância: como ler literatura infantil*/Graça Ramos - Brasília: Tema Editorial, 2017.

TODOROV. Tzvetan; *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. –. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.